
REFLEXÕES SOBRE O PROGRAMA ESCREVA SEU FUTURO: A EJA EM PAUTA

Reflections on the write your future program: Eja on the agenda

Fabiola Santos Luna Chagas Costa¹
Vinicius de Luna Chagas Costa²

RESUMO

Este trabalho propõe-se a conhecer as dinâmicas do projeto “Escreva seu futuro” traçando algumas reflexões sobre a EJA com base em autoras negras que discutem o tema currículo. Apresenta-se em um primeiro momento a potencialidade da iniciativa, identificando os seus pressupostos básicos, estrutura pedagógica e formas de atuação. Num segundo momento, destaca-se a potencialidade desta iniciativa como espaço de entendimento das questões históricas que atravessam as estudantes. Como resultado foi identificado que os cadernos pedagógicos contribuem para superar a visão da EJA como suplência, pois visam contemplar as diversidades de temas que envolvem as mulheres negras em processo de alfabetização.

Palavras-chave: Mulheres Negras, Práticas curriculares, Educação de Jovens e Adultos, Escreva seu futuro.

ABSTRACT

This work proposes to know the dynamics of the project “Write your future” by tracing some reflections on EJA based on black authors who discuss the curriculum theme. At first, the potential of the initiative is presented, identifying its basic budgets, pedagogical structure and ways of acting. Secondly, the potential of this initiative as a space for understanding the historical issues that cross students is highlighted. As a result, it was identified that the pedagogical notebooks started to overcome the view of EJA as a substitute, as they aim to contemplate the diversity of themes that black women in the literacy process.

Key-words: Black Women, Curricular practices, Youth and Adult Education Write your future.

¹ Especialização em Educação de Jovens e Adultos, IFRJ, fabinaluta@gmail.com

² Doutorando em Educação, UFF, viniciusgeografo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que tem suas especificidades próprias e requer um trabalho diferenciado, levando em consideração a experiência de vida acumulada dos estudantes que tiveram seus direitos negados ao longo de suas trajetórias de vida. A EJA vem resgatar uma dívida social que é herança colonial negativa, onde se preservou substancialmente uma educação que fortalece a desigualdade social. Graças aos projetos educativos e emancipatórios construídos pelo Movimento Negro (SANTOS, 1996) novos saberes e projetos têm possibilitado a compreensão da questão racial, além de ressignificar os parâmetros estéticos, reeducando brancos e negros.

O presente trabalho de pesquisa tem como tema central a EJA a partir da discussão curricular proposta por intelectuais negras como Nilma Lino Gomes, Bell Hooks, Lélia Gonzales e Azoilda Loretto da Trindade. O principal tema de meu interesse para estudos trata-se do currículo, em linhas mais específicas, da educação para a diversidade (GOMES, 2017). Sendo assim, este artigo tem como proposta salientar que os cadernos pedagógicos pertencentes ao Projeto de Alfabetização de Mulheres Escreva Seu Futuro, que atende exclusivamente mulheres, moradoras do bairro Maré, na cidade do Rio de Janeiro. Além da análise dos materiais, foram realizadas observações nas turmas, conversas com as estudantes e uma entrevista com a coordenação do projeto.

Mediante o anunciado, gostaria de afirmar que em minha vida social fora e dentro da escola tenho encontrado mulheres negras adultas que chamam a atenção pelos saberes constituídos sem ou com pouca vivência escolar, inclusive, aquelas de idade mais avançada. Quero demarcar aqui que no âmago da sociedade brasileira as mulheres negras são maioria entre as empregadas domésticas, condição que envolve um trabalho estigmatizado e que há pouco tempo obteve avanços em relação aos direitos de categoria. São as mulheres pobres e negras as que mais sofrem com a violência obstétrica, a ausência de políticas públicas e consequentemente a dificuldade no acesso à participação política.

Ao contrário desta quase norma, estas mulheres detêm amplo domínio de saberes relacionados às suas práticas profissionais e vivências, adquiridos pela experiência. Mas, o que mais me tem chamado atenção é a ampliação da presença negra no espaço escolar, sobretudo das mulheres que carregam um anseio pelo aprender buscando-o por conta própria a partir da fase inicial e fundamental da aprendizagem letrada. Essas mulheres, muitas vezes, são vítimas de preconceitos, pois a sociedade herdeira da tradição eurocêntrica é marcada por aquilo que Santos (2007) chama de “pensamento

abissal”, que discrimina saberes populares e aqueles constituídos por outras lógicas e não pelos padrões científicos ou filosóficos europeus.

A Educação de Jovens e Adultos atende a um público formado por estudantes excluídos nas relações de poder, numa perspectiva de classe, etnia, cor, sexo, gênero entre tantos outros elementos que os constituem de forma interseccional. Entendo que o combate a qualquer visão estereotipada ou reducionista deva ser superada não só por professoras, como também através do currículo.

Um ponto que merece ser destacado é a questão do poder, ao prescrever os tipos de conhecimento que devem ser privilegiados ou até mesmo as subjetividades presentes nos documentos oficiais. Os estudos de Nicodemos (2011) revelam que o conhecimento que constitui o currículo nos forja, ao transmitir valores, normas e práticas sociais.

É relevante que os profissionais que atuam na EJA tenham consciência das necessidades dos educandos que atendem e verifiquem a importância de pensar numa educação libertadora, que se desprenda do conteúdo desconexo da realidade e possa pensar em propostas que visem emancipar os estudantes para escolhas conscientes onde se construa uma vida com menos desigualdades e maior número de oportunidades a todas e todos.

Desta forma surge o interesse por pesquisar o Projeto de alfabetização “Escreva seu futuro”. Iniciado no ano de 2019, o projeto visa alfabetizar exclusivamente mulheres, moradoras da comunidade da Maré, no Rio de Janeiro, que nunca estabeleceram uma relação contínua com o saber escolar afim de garantir a retomada de suas trajetórias escolares após anos longe da escola.

Segundo o Censo Maré, apenas 37,6% dos moradores das 16 comunidades que integram o complexo da Maré completaram o Ensino Fundamental. A maior taxa de analfabetismo se encontra entre as pessoas pretas. São dados que reforçam os obstáculos impostos pela desigualdade social e racial que afetam os moradores das comunidades. Segundo dados do IBGE (2010), pode se observar que a população brasileira com mais de 55 anos apresenta grau de analfabetismo maior entre as mulheres. Esses dados refletem que até a década de 1960, enquanto uma grande parcela da população brasileira ainda não tinha acesso ao letramento, as mulheres tinham ainda menos acesso do que os homens. Penso que o racismo e o sexismo nas trajetórias escolares demarcam lugares e possibilidades na vida social e econômica. Isso só começa a mudar a partir da década de 1970, quando a universalização do acesso à escola começa a figurar na agenda política do país.

Estes dados ajudam a pensar na realidade da oferta da alfabetização, principalmente para mulheres moradoras da Maré e os encaminhamentos feitos a partir da conclusão do projeto. Esses

percursos escolares atravessados por dificuldades demonstram que a permanência e o acesso das mulheres nesses espaços não ocorrem de maneira natural e convidativa.

Na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, a EJA (Educação de Jovens e Adultos) é dividida em dois blocos: a EJA I e II. Reforço que o processo de alfabetização não é contemplado neste formato. Com este cenário o Projeto “Escrevendo Seu Futuro” oferta a alfabetização, viabilizando o ingresso na rede de ensino no primeiro ano do ensino fundamental. A estrutura pedagógica do projeto é uma parceria da Redes da Maré, L’Oréal Lancôme e Programa Integrado da UFRJ para Educação de Jovens e Adultos.

O projeto conta atualmente com sete turmas que acontecem em três turnos (manhã/tarde/noite) localizadas em diferentes comunidades que compõem o conjunto de favelas da Maré: Nova Holanda, Parque União, Baixa do Sapateiro, Marcílio Dias e Vila do João.

É preciso ressaltar que o projeto seguiu durante o período da Pandemia COVID-19. Neste sentido, desde o ano de 2020 houve um movimento no sentido de adequar a metodologia pedagógica voltada ao ensino remoto a fim de atender as alunas inscritas, a partir de materiais didáticos enviados via rede social WhatsApp e não quebrar o vínculo com a promoção de acompanhamento psicossocial e distribuição de cestas básicas através da campanha “Maré diz não ao Coronavírus”.

No ano de 2022 os cadernos pedagógicos foram impressos e distribuídos quinzenalmente nas sedes dos espaços onde as aulas acontecem. A entrega é realizada a partir de um sistema de trocas, onde as alunas entregam os materiais antigos aos docentes, o que permite um melhor acompanhamento do processo de alfabetização.

Daí a proposta de se pensar de outro lugar a interseccionalidade gênero-raça na EJA, traçando um paralelo entre o currículo e as práticas pedagógicas, assim como práticas efetivas para uma cultura de consciência negra na escola, que contribuem para a superação do racismo.

2. UM CURRÍCULO COM BASE EM AUTORAS NEGRAS

Nilma Lino Gomes (2017) tece um pensamento sobre aprendizagem a partir dos grupos excluídos pelo racismo estrutural, faz um contraponto aos estudos do currículo abrangendo novas perspectivas epistêmicas a partir do conceito de uma pedagogia das ausências e das emergências.

A autora faz uma reflexão sobre a questão que as teorias de currículo tentam responder: “Qual conhecimento ou saber é considerado importante, válido ou essencial para merecer ser considerado parte do currículo?”. O movimento negro no Brasil está envolvido em ressignificar estes critérios de

seleção e propondo respostas a essa questão ao politizar o conceito de raça. Na luta antirracista, a resposta também parte de descrições sobre o tipo de pessoa se quer formar.

Numa perspectiva crítica, a lógica sobre a produção de saberes é questionada. Neste sentido, a visão da pesquisadora americana Bell Hooks (2013) se aproxima dos estudos desenvolvidos por Silva (2007). Isto porque a educação para a liberdade exige a mudança do modo de pensar sobre os processos pedagógicos. Por que alguns conhecimentos são priorizados e outros não, são panos de fundo neste contexto. O currículo é questão de identidade e poder.

Outra intelectual que traz contribuições para fundamentar o tema que investigo é Lélia Gonzales (2020), ao trazer uma reflexão sobre o conhecimento científico, ainda presente nos currículos ao reafirmar as marcas da colonialidade europeia:

Sabemos que o colonialismo europeu, nos termos que hoje o definimos, configura-se no decorrer da segunda metade do século XIX. Nesse mesmo período, o racismo se constituía como a “Ciência” da superioridade eurocristã (branca e patriarcal), na medida em que se estruturava o modelo ariano de explicação que viria a ser não apenas o referencial das classificações triádicas do evolucionismo positivista das nascentes do homem, como ainda hoje direciona o olhar da produção acadêmica ocidental (GONZALES, 2020, p. 129)

A partir da visão da autora orienta é possível indagar os referenciais curriculares. E para estes momentos de estudo seria oportuno indagar sobre o ordenamento do currículo, saberes e hierarquias. Desta forma, surge o questionamento: o que poderia mudar no atual currículo? Isso com o entendimento de que a organização curricular afeta a organização do trabalho e as aprendizagens das educandas.

De certa forma, os conhecimentos que podem ser considerados essenciais nos currículos do Projeto “Escreva seu futuro” são os que abordam a autonomia e igualdade de direitos, saúde da mulher, sua segurança social, inclusão digital e possibilidades no mundo do trabalho.

Em seguida, Gonzales (2020) propõe a reflexão sobre algumas consequências para o repensar dos currículos: reconhecer os educandos como sujeitos do direito à formação plena e não a formação proposta pelo tecnicismo, do positivismo, do pragmatismo que dominaram por décadas o campo do ensino. Já Azoilda Loretto da Trindade (2002) defende que as corporeidades contribuem para a aceitação das diferenças.

A próxima autora contribuinte com as ideias sobre currículo é Grada Kilomba. Em sua pesquisa ressalta a importância de perceber o racismo nos currículos como parte da estrutura social, onde pessoas negras e People of Color estão excluídas da maioria das estruturas sociais e políticas, e que essa naturalização contribui para a construção de identidades das estudantes (KILOMBA, 2019).

Ela prossegue dizendo ainda que, currículo enquanto estrutura oficial, opera ao privilegiar sujeitos brancos, em relação aos demais grupos racializados. Mediante estas bases teóricas, parto para a análise do projeto “Escreva seu futuro” e suas especificidades.

3. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA QUALITATIVA: UM BREVE PERFIL DO PROJETO ESCREVA SEU FUTURO

O campo simbólico onde o currículo foi adequado às necessidades da população feminina foi a Casa das Mulheres, localizada na comunidade Parque União, Zona Norte do Rio de Janeiro. As mulheres deste núcleo, que não pertencem a uma escola regular sob o controle do Estado, tinham a oferta de aulas voltadas para a alfabetização entre 14h e 16h durante a semana. O prédio de dois pavimentos fica numa rua de fácil acesso. No primeiro andar funciona um curso de Gastronomia voltado para as mulheres das comunidades e não está ligado ao projeto de alfabetização “Escreva seu futuro”. As duas salas de aula ficam no segundo pavimento com boa condição de acessibilidade, incluindo elevador, um fator positivo para as mulheres com mais idade.

O trabalho realizado é um estudo qualitativo onde foram realizadas observações e rodas de conversa com as alunas, professoras e coordenação pedagógica com o objetivo de conhecer a dinâmica do projeto.

Há que se destacar que durante o período em que a pandemia esteve mais agudizada o espaço foi readequado. Em 2020, houve a organização de um único grupo com as alunas de todas as turmas que tinham se inscrito até aquele momento. Havia 55 alunas inscritas, pois, devido ao lockdown (período de confinamento imposto pela pandemia COVID-19) o período de inscrição ficou restrito a apenas uma semana. Em 2021, foi decidido separar as alunas em grupos de whatsapp de acordo com as turmas que haviam se inscrito, distribuindo as 71 estudantes interessadas pelo projeto. Dessa forma, hoje existem 7 grupos, intercalados entre os horários da tarde e da noite.

Foi através da experiência bem sucedida com os cadernos pedagógicos em 2021 que o projeto passa a adotá-los como parte importante de sua metodologia em 2022, após retornarem às aulas presenciais.

A partir de rodas de conversas realizadas com as alunas entre os meses de abril e agosto de 2022 e em diálogo com as professoras e coordenação pedagógica foi possível traçar o perfil da turma lotada no turno da tarde na Casa das Mulheres, Parque União. Um dos desafios desta investigação

reside na proposta de se pensar de outro lugar a educação de jovens e adultos, por outro modelo educacional.

A turma observada era composta por 15 mulheres de idades distintas, compreendendo faixas entre 30 e 60 anos. Em relação ao perfil racial, por observação posso afirmar que a maioria eram pretas e pardas, pois não houve possibilidade de aplicação de questionário ou rodas de diálogo que permitissem uma auto identificação por parte das estudantes.

Devido às dificuldades enfrentadas diante do mundo do trabalho e da vida, a pesquisa revelou que a frequência era bem variada, com cerca de dez estudantes por encontro. Algumas delas aproveitavam que os filhos estavam nas escolas e creches para estudar. No entanto, em casos de necessidade era permitido permanecer com seus filhos na sala de aula. Era uma turma bem heterogênea, com histórias de vida diversas e processos de aprendizagem diferentes. As alunas entraram nas turmas com níveis diferentes de alfabetização, por isso nem todas tem conclusão prevista para o processo ao mesmo tempo. A equipe pedagógica prevê o acolhimento e realizam uma sondagem com as mulheres ao organizarem as turmas.

O material didático, foco dessa análise, era impresso e organizado em forma de apostilas. Além disso, durante o período pandêmico foi tentado como alternativa pela coordenação a troca de mensagens, solicitação de tarefas e materiais via aplicativo de mensagens pelo WhatsApp, mas nem todas as mulheres tinham aparelhos para se conectar e realizar as atividades remotas. Existe uma avaliação da coordenação de que esse tipo de contato prejudicou a maior parte do grupo.

A elaboração desse material didático foi pautada, segundo a coordenação do projeto, na pedagogia adotada pelo Programa Integrado da UFRJ para Educação de Jovens e Adultos que busca priorizar na produção dos materiais pedagógicos e planos de aulas os princípios estabelecidos pelo Sistema de Escrita Alfabética - SEA, as propostas curriculares da EJA (MEC) e a filosofia freiriana de educação, que tem por base a valorização do saber do aluno, a troca de saberes e a visão de educação como prática para liberdade. Com este perfil, valorizando e buscando a emancipação das alunas e sua identificação enquanto sujeito.

A apostila traz atividades integradas e é solicitado as participantes da turma que realizem páginas específicas para serem discutidas nas aulas seguintes. Existia uma tentativa das professoras em trabalhar de forma interdisciplinar, associando Língua Portuguesa e Matemática, consideradas pelos docentes como matérias essenciais, ou seja, nunca faltam nos cadernos. Em menor escala, figuram temas ligados aos Estudos da Sociedade e da Natureza seguindo a proposta curricular do 1º

segmento da EJA ofertada pela Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Dos cinco cadernos pedagógicos a que tive acesso, os roteiros pedagógicos foram os seguintes:

Quadro 1 – Cadernos pedagógicos

Caderno pedagógico	Temas Geradores	Nº de páginas
1	Trabalho da mulher, mães solo.	8
2	Meio ambiente, festa junina	8
3	Auto cuidado, saúde da mulher	8
4	Alimentação saudável, soberania alimentar	9
5	Migrações e regiões do Brasil, reciclagem	8

Fonte: Quadro elaborado pelos autores (2023), com base nos cadernos pedagógicos do Projeto “Escreva seu Futuro” (2021).

A estrutura dos cadernos pedagógicos elaborados pela equipe do projeto contava com um texto gerador onde se alfabetizava pela “palavração”. A proposta deste caminho trilhado permitia conhecer as histórias de vida das estudantes unindo os temas trabalho da mulher e mães solo. Alguns instrumentos da cultura como cartazes e slogans curtos permitiam conhecer e não apenas decodificar as palavras por meio de situações comunicativas.

Uma das perguntas de partida dizia respeito a crise financeira causada pela pandemia do Covid -19, onde havia sido problematizada a categoria de “mãe solteira” que também são chamadas de “mãe solo”, para recebimento do benefício do auxílio emergencial, sendo maior que das outras categorias. A partir dessa discussão as estudantes puderam informar as dificuldades de acesso ao benefício, questionar o porquê dos valores pagos às diferentes categorias e sistematizar os saberes através do preenchimento de um questionário presente no caderno.

Dentro dessa perspectiva era possível nas classes de alfabetização o trato com o raciocínio matemático, realizando cálculos simples e contagem até 200. A professora estimulava as estudantes a realizarem leituras e o desenvolvimento da escrita.

No caderno 2, o tema central eram as festas juninas e sua relação com o meio ambiente. Esse material foi o que menos apresentou uma visão que partisse das mulheres entre os materiais analisados. Muito fixado nas datas comemorativas e compreendendo que a comunidade possui uma forte presença da população nordestina, os textos faziam alusão às práticas proibidas pelo risco ambiental, como soltar balões e queimadas para “limpar” os terrenos na comunidade. O trabalho de alfabetização chamou mais atenção das estudantes ao refletir sobre os benefícios da reciclagem dos

materiais coletados nas festas. Algumas das estudantes disseram que é comum coletar esses materiais para gerar uma “renda extra”. O material apresentou algumas figuras de embalagens de refrigerante e cerveja que proporcionaram intervenções didáticas envolvendo o pensamento matemático (antecessor e sucessor e contagem até 300).

O caderno 3 trabalhou o autocuidado. Problematizou, através da campanha do exame de mama, como as mulheres poderiam prever doenças ao utilizar corretamente o Sistema Único de Saúde. Palavras relacionadas ao universo da beleza feminina também foram exploradas, permitindo as estudantes que trocassem informações e questionassem se aqueles elementos como batom e bolsas (aqui se percebe uma indicação pelo trabalho mais voltado com sílabas) faria ou não parte do cotidiano. Esse tipo de troca foi válido para formar grupos de interesse nas discussões que vieram nas outras aulas, como o valor dos produtos de beleza e como cada uma utilizava. Houve um investimento para que tudo fosse lido em sala: listas, receitas, músicas e panfletos. No campo matemático foi utilizado como recurso uma sequência numérica.

O caderno 4 trouxe para pensar a alimentação na vida das mulheres. Assuntos como dieta, alimentos ultra processados e naturais vieram à tona desde o primeiro encontro. Para dar um sentido real a docente apontou caminhos para que as alunas falassem sobre suas experiências com os alimentos consumidos. A água também foi um assunto que despertou interesse das alunas e a apostila trazia figuras com copos de água para que marcassem seu consumo diário. A saúde da mulher também foi explorada por meio de um pequeno texto sobre a importância da atividade física no cotidiano, onde era explorada a reescrita em sala de aula. Como estratégia complementar foi sugerido às alunas que trouxessem encartes de supermercado e contassem suas experiências com os produtos mais consumidos em suas residências.

O último caderno observado falava sobre as diferenças regionais e de onde surgiram as discussões sobre o carnaval posteriormente. A partir de um mapa do Brasil, as estudantes eram questionadas sobre seu lugar de origem, festas populares em suas regiões, comidas típicas, assunto que permitiu o trabalho com textos instrucionais (receitas) e lendas. A apropriação do direito a leitura ocorreu aos poucos, pois poucas estudantes da turma sabiam “de cor” e faziam questão de realizar a tarefa.

A partir das observações feitas nas aulas, destaco que o material era utilizado pelas estudantes, mas não pertencia a elas. Havia um acordo com as professoras para que as alunas buscassem os

materiais das aulas, e ao pegarem o novo caderno, entregariam os antigos à coordenação, o que permitiu fazer um acompanhamento de como essas alunas tinham se desenvolvido.

Em relação aos saberes trabalhados no cenário do projeto, a pesquisa revela que a docente problematizava as questões de forma que as estudantes conseguissem participar ativamente. Os temas eram registrados na lousa e debatidos com as estudantes. Em algumas situações foi construído um texto coletivo ou feito o registro de palavras que marcaram as necessidades das alunas. Deste modo, é possível que haja o crescimento dessas alunas como mulheres-cidadãs pela postura profissional e ativa da professora, que trabalha as temáticas sem preconceitos ou estereótipos.

Ainda hoje é muito presente a perspectiva tradicional e bancária, onde os estudantes são meramente copistas e apenas “assistem” a aula com pouca participação, sobretudo nas classes de alfabetização. São estudantes que carregam marcas do insucesso provocado pela escola regular e que naturalizam o silêncio. Cabe as docentes do projeto “quebrar” esse silêncio imposto por um currículo oculto. Além disso, um fato marcante: na maioria das aulas acompanhadas, as apostilas vinham em branco, com tarefas não realizadas. Chama a atenção o fato de que o chamado trabalho de casa para alunos da EJA não é mesmo uma estratégia adequada para este público, devido a diferentes demandas do estudante adulto trabalhador em sua vida cotidiana.

As apostilas continham temas geradores, como também propõe Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*. Para isso, os temas são pensados com periodicidade mensal ou quinzenal, tempo pré-estabelecido pela equipe para o caderno pedagógico. De alguma forma, portanto, os processos de aprendizagem dessas mulheres contribuíram para discutir a elaboração de currículos flexíveis, e práticas pedagógicas dialógicas mais identificadas a outros tantos processos de aprendizagem na EJA. Segundo Paulo Freire:

[...] a alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Com efeito, ela é o domínio dessas técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente. É uma incorporação. Implica não em uma memorização mecânica das sentenças, das palavras, das sílabas, desvinculadas de um universo existencial – coisas mortas ou semimortas –, mas uma atitude de criação e recriação. Implica uma autoformação da qual pode resultar uma postura atuante do homem sobre seu contexto. Isto faz com que o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhe simplesmente os meios com os quais possa se alfabetizar (FREIRE, 1983, p. 41).

Há que se concordar com Freire (1989), quando afirma que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Dessa forma, fica estabelecido que o conceito de letramento já está contido no processo alfabetizador e que separar os termos alfabetização e letramento, poderia provocar um esvaziamento do conceito de alfabetização.

Vale destacar que existe uma prioridade da equipe ao selecionar um tema. Consideram as múltiplas formas de abordagem para que ao focar um único tema ele não se esgote ou seja visto e problematizado sob uma única perspectiva. Além disso, ao abordar qualquer tema contido na apostila, possibilita as professoras valorizar os saberes trazidos pelas alunas e contextualizá-los de forma objetiva, pois sentindo-se pertencentes e integradas ao debate, é uma forma de, a partir do material didático impresso, estimular a troca que se dá de maneira mais significativa e valiosa tanto para educandas quanto para educadoras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho se propôs a realização de análise do material didático e de rodas de conversa com as alunas, professoras e coordenação pedagógica com o objetivo de conhecer a dinâmica do projeto. As observações e as repostas nas rodas possibilitaram tencionar o currículo praticado e o prescrito, mostrando que o conhecimento formal é apenas uma face das manifestações culturais que fazem parte do ambiente escolar.

Existe uma longa discussão sobre a dificuldade na elaboração de currículos específicos para os sujeitos da EJA, bem como formas de se organizá-lo, justamente pois se procura envolver as vivências e culturas dos estudantes, atribuindo sentido a aprendizagem.

Ao abordar o tema do currículo é preciso utilizar uma concepção ampla, que permita ocupar uma dimensão social que dê conta das interseccionalidades de gênero, classe social, etnias e classe. E dessa forma não há neutralidade, mas vínculos a relações de poder que influenciam na construção de identidades.

O projeto “Escreva seu futuro” tem conseguido alcançar êxito justamente pela valorização das estudantes, parte por respeitar suas trajetórias de vida e também por fomentar o encontro dos saberes alcançados na vida e os saberes escolares. Mas ainda deixa uma lacuna quanto ao debate racial.

Foi possível identificar que os materiais pedagógicos contribuem para superar a visão da EJA como suplência, pois visam contemplar a diversidade dos sujeitos aprendizes no curso de seu processo de alfabetização, fortalecendo essas mulheres que aprendem ao longo da vida. A tentativa de elaboração de um material que discuta questões do cotidiano e práticas relacionadas a aprendizagem significativa podem produzir novos sentidos as estudantes.

O currículo adotado pelo projeto tem um papel importante ao considerar as contribuições de Paulo Freire em sua concepção. Conceitos fundantes para o pensamento freireano como libertação e conscientização são, numa concepção cidadã necessários para o debate curricular na EJA pois possuem uma perspectiva crítica. Ainda que os materiais carreguem ainda uma certa carga conteudista, há em cada capítulo a abordagem da alteridade e identidade das estudantes, de maneira a possibilitar o reconhecimento de sua realidade a ponto de transformá-la em mecanismos de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **A Importância Do Ato De Ler. Autores Associados**: Cortez, São Paulo, 1989.

FREIRE, P. A. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOMES, N. L. **Cultura negra e educação**. Rev. Bras. Educ. Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-85, ago. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200006&lng=en&nrm=iso Acesso em: 15 de dez. de 2022.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2020.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NICODEMOS, A. As Teorias Críticas do Currículo e o processo de execução, construção e ressignificação de práticas curriculares na educação de jovens e adultos. In: **Currículos em EJA: saberes e práticas dos educadores**. Rio de Janeiro: SESC, 2011.

SANTOS, B. S. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Novos estudos. CEBRAP. n. 79. São Paulo, nov. 2007. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>. Acesso em 18 jan. 2022.

SANTOS, B. S. Por uma pedagogia do conflito. In: SILVA, L. H. *et al* (orgs.). **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre: Sulina, 1996.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, M. **Letramento: Um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TRINDADE, A. L. Do corpo da carência ao corpo da potência: desafios da docência. In: **O corpo que fala dentro e fora da escola.** GARCIA, R. L. (Org.). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.